

O povo dos céus e suas profecias. Os maias e sua escatologia – um breve estudo comparado.

Leandro Gama e Silva de Omena

“Caiu então sobre a terra granizo e fogo, misturados com sangue: uma terça parte da terra se queimou, um terço das árvores se queimou e toda vegetação verde se queimou”.

Apocalipse: 8-10

Estamos todos aqui, percebendo que seremos interpretados por letras mais a frente. E continuamos por aqui. Estas letras históricas que nos escreverão, precisam de boa tinta e boa mão. Viver o que vivemos, sonhar o que acordado pensamos. Estar no tempo presente é um duelo com o passado e uma composição futura sem cores. Nossos rancores que movem as canções mais belas, também cantam as operas apocalípticas que apontam nosso fim. E nestes sinais dos tempos, de todos os tempos, devemos então obedecer nossas regras, choraremos, entristeceremos, e a boa nova chegará. Cheia de prantos calados, um quase fim, um quase choro, assim tudo recomeça, até em águas do pranto calado, terminar o mundo. O dilúvio dos olhos de ressaca de um mundo passado a espera de um mundo futuro.

INTODUÇÃO

O proposto trabalho se originou pela curiosidade em descobrir como uma civilização tão antiga pode ser tão próxima quando temos em comum um fim. No fim todos nós nos igualamos, todos temos nosso apocalipse. Percebendo este movimento algo me inquiriu para escrever este trabalho, sobre seres humanos que construíram, amaram, guerrearam e profetizaram seus sonhos em traços por vezes incompreensíveis. Mas que hoje com uma luz que não podemos trazê-la para nosso lado, mas sim entende-la pela sua luminosidade, esta luz é capaz de nos falar, quem foram estes seres tão singulares e como chamavam seus Deuses tão caros. Discorrerei sobre seus costumes ritualísticos e me focarei em suas profecias, tratadas com suas óticas, seu tempo circular e suas astronomias particulares. O povo dos astros, de tanta devoção aos céus, estes Maias assim conhecidos hoje, transcenderam suas dificuldades, e criaram a mais complexa engenharia astronômica da antiguidade. Possuindo um calendário complexo, pela sua precisão e matemática, o povo dourado estabeleceu contato com suas profecias, com um futuro, unindo em seu presente, profecias muito curiosas. Neste breve

trabalho, discutirei estes termos tão por vezes confusos e que nos chegam com nossos mesmos olhares.

Uma nova Historiografia Maia.

Hoje após pensadores clássicos se apoderarem no início do século XX sobre o pensamento científico Maia, algumas nuvens começam a se dissipar. Digo nuvens, pois sempre a primeira experiência científico-histórica levada a interrogação inaugura um pensamento e muitos questionamentos acerca do objeto a ser estudado. Não foi diferente com a civilização Maia. Segundo, Jeremy A. Sabloff¹, o começo das pesquisas Maias, enfatizaram grandemente os governantes e a elite real, assim como os sacerdotes. Percebemos esta mesma implicância na historiografia do Egito Antigo, assim como os primeiros estudos Africanistas, mas estes detalhes, pertencem a outras pesquisas, voltemos aos Maias. Como todo começo há certa abundância de pesquisas históricas aos eternos reis e discutirei mais a frente brevemente..

Esta postura historiográfica foi enfatizada pelo arqueólogo e antropólogo Inglês, J. Eric. S. Thompson. Importante Maista do século XX este, que levou ao mundo esta visão em meados da segunda guerra mundial. Entre estas visões: As curiosidades religiosas, a elite real assim como os sacerdotes e excentricidades banhadas aos olhares europocêntricos. Hoje porem, o autor é criticado, pois surgiram novas metodologias arqueológicas, assim como novos embasamentos teóricos a cerca da visão por baixo da sociedade, não só pautada nos superiores governantes reais. Visão esta que teve seu alicerce nos Annales e em March Bloch.

Entretanto, devemos perceber a importância destes estudos primários em sua época, que sedimentou raízes com tão escassos suportes, teórico-metodológico que o autor supracitado obtinha. Thompson segundo Navarro, assim como a moda historiográfica de seu tempo na Europa, pensou que a civilização Maia possui uma passividade em relação a guerra, idealizou esta sociedade, e o ocorreu a tese que o desaparecimento desta civilização aconteceu por um levante camponês, o que é estranho diga-se de passagem, pois uma civilização pacata, não faria levante algum.

Devemos lembrar do contexto antropológico que designava as sociedades frias, das quentes, umas possuíam o movimento histórico, enquanto a outra não o possuía. Mesmo nos

¹ NAVARRO, Alexandre Guida. *A civilização Maia: Contextualização historiografia e arqueológica*. HISTÓRIA, São Paulo, 27 (1): 2008. <http://www.scielo.br/pdf/his/v27n1/a15v27n1.pdf> disponível em 18/12/2009

monumentos de Palenque, retratando grande causa bélica da civilização Maia, Thompson ficava impassível em relação a isso.

Thompson também foi um grande filólogo Maia, estudou a língua Maia nos códices que restaram pós conquista. Estes Códices foram o Códice de Dresden, O códice de Madrid e o Códice de Paris. São até hoje a fonte primordial para qualquer estudo desta civilização. É uma fonte pura.

Hoje algumas peculiaridades, segundo Navarro, mudaram profundamente a visão historiográfica. O período pré-clássico por exemplo, que era visto como um período apagado, sem grandes avanços tecnológicos, e hoje é visto como um período muito rico, e a urbanização já era encontrada neste período. O apogeu, segundo historiografia recente, ainda se encontra no período Clássico, entretanto, não só nele. Novos olhares, então sem tantos centros preconceituosos, conseguiram enfim, enxergar a civilização Maia como ela foi.

Os Maias, sua religiosidade, economia e sociedade.

Os maias, esta civilização pré-colombiana, que de Colombo não sabiam quem era, povoou o que conhecemos hoje por Yucatan, no México. Historicamente o povo Maia foi dividido por seus estudiosos em: Pré-Clássico 800 a.C a 300 d.C, Clássico 300 d.C a 900 d.C e Pós Clássico 900 d.C a 1520 d.C². Ficaremos com o período clássico em que a civilização Maia atingiu seu apogeu artístico, econômico e social. Na atual historiografia os centros urbanos começaram a se desenvolver no período pré-classico, algo em torno de 300 a.C. A grande dificuldade para a datação arqueológica se da ao fato que os Maias fizeram suas construções em sobreposições, reaproveitando as construções antigas. Para os arqueólogos analisarem, eles estudam as camadas dos sítios arqueológicos destas construções.

No que se diz respeito a centros urbanos, os Maias, ergueram várias pirâmides, algumas, medindo mais de 73 metros de altura. Dominando então a técnica de Cal e argamassa, em que usavam Arvores que circundavam a região das construções, devastando grande parte do terreno. Alguns estudiosos, elaboram a tese deste ser um dos motivos associados a outros do colapso Maia, pois havia uma super-exploração do território em volta para a construção das pirâmides, entretanto não havia uma política de economia de recursos. Podendo até mesmo haver um desequilíbrio ambiental, já que a água era muito escassa A cidade expoente deste período era Palenque. Várias outras cidades menores eram

² NAVARRO, Alexandre Guida. *A civilização Maia: Contextualização historiografia e arqueológica*. HISTÓRIA, São Paulo, 27 (1): 2008. <http://www.scielo.br/pdf/his/v27n1/a15v27n1.pdf> disponível em [18/12/2009](http://www.scielo.br/pdf/his/v27n1/a15v27n1.pdf)

subordinadas a ela. A cidade era dominada pelo AHAU, e todos os poderes estavam concentrados nele. Todas as cidades estavam subordinadas a ele. O AHAU possuía o poder econômico, militar, religioso e social da cidade. Ele era um corpo único, assim como o Faraó no Egito, assim era o AHAU. As pirâmides Maias, assim como as egípcias possuíam câmaras para o espírito se locomover no pós-morte, e eram construídas para os Ahau. O Ahau mais conhecido deste período seria Pacal, o grande. A astronomia, matemática, assim como o sistema político centralizado, era de características do período clássico Maia. Constatamos que o período foi rico, pois houve uma grande organização social, que impulsionou a produção agrícola e arquitetônica.

Falar de religião em uma cultura não-secularizada, pode parecer simples, mas não é. A religião estava plasmada no estado, se é que poderia cometer este ato anacrônico de falar em estado, mas anacronia por anacronia, eu não poderia falar de religião, pois o conceito de religião somente surgiu no século XIX.

A religiosidade então pulsava nas cidades Maias, na arquitetura e na economia bem como em toda sociedade. No que diz respeito ao comércio, os Maias, possuíam grande admiração por seus comerciantes, os comerciantes faziam o fluxo de informações entre as cidades e isso era um pulso positivo para circular informações e até mesmo tecnologias. A agricultura era o ponto forte da produção, e produziam principalmente o milho, havia até mesmo um Deus-Milho. Os Maias não descansavam seu solo, o desgastando rapidamente. Não só de milho vivia a sua agricultura, também cultivavam o Cacau, em que os espanhóis descobriram em Yucatan e começaram a comercializá-lo na Europa. O cacau para os Maias além de ser visto como uma fruta sagrada, também era usada como moeda de troca. Por esta complexidade, que hoje a atual historiografia toma muito cuidado com termos pejorativos como primitivismo, ou sociedade fria. A civilização Maia mostra uma alta complexidade social e de sua agricultura.

Segundo José Huchin³, Os Maias tiveram sua queda, pois esgotaram de princípios naturais, ocorrendo um grande impacto, faltando então suprimento de água. A produção de Cal com a resina das árvores, foi a principal causa de estiagem da região, bem como disputas por alimentos, assim geravam guerra pelos mesmos motivos assim por diante. O cal era usado para revestir os templos, sendo este material muito frágil, teria que ser sempre repostado, gerando alta demanda deste produto, desenfreando um consumo de cal que extrapolava as reservas naturais.

³ Documentário: Exploração Maia, 2009, The History Channel, 2009.

Então chegamos aqui, com a certeza que esta civilização possuiu enormes complexidades sociais, e possuindo uma grande fé em seus deuses bem como na produção de sua agricultura. A civilização Maia foi de grande maestria e muito evoluída no caráter de uma potencia em todos os termos.

Podemos perceber que nesta tríade, a religiosidade a econômica e a sociedade e, os Mais possuiriam uma alta complexidade de relações. Nos inquirindo uma maior gama de cuidados em relação ao estudo desta sociedade antiga.

Mito e Cosmogonia Maia.

Toda civilização antiga possui um mito fundador, algo de origem para se crer. É algo natural do ser humano, basta jogar uma bolinha para um bebe, que este em vez de acompanha-la ira se virar para ver de onde esta bolinha veio. Com esta pretensão, várias civilizações compuseram Cosmogonias das mais eloqüentes e variadas, tristes ou confusas, felizes ou destruidoras. Mas uma coisa é certo, todas possuíam em si o sentido de existir e de pertencimento ao todo, ao todo eterno, holisticamente.

Segundo Thompson⁴, a civilização Maia possui um extenso panteão de Deuses. O principal assim como em outras civilizações que dependem da agricultura para seu sustento foi a divindade Sol e haviam outros como: Lua, trovão, Água, dentre outros principais. A grande divindade seria Kukulcan, ou Quetzacoalt, a serpente emplumada. Em várias pirâmides em Palenque, vislumbramos nos degraus, monumentos desta divindade. Esta divindade descendeu diretamente do Toltecas.

Temos uma fonte hibrida o Popol Vuh, que possui traços espanhóis e Maias, podemos então ver alguns valores sincréticos e não puros das duas civilizações composta nestes mitos de origem, pois houve uma tradução no século XVIII para o espanhol, desta fonte primária. São várias versos cosmogônicos do mito Maia.

O mito cita seres de barro, o que percebemos que este elemento esta presente não só na literatura do gêneses cristão, mas em outras religiões. Então eram pessoas de barro, animais e pessoas de madeira. Em um jogo de bola cósmica, os Gêmeos Hunaphu e Xbalanque que derrotam então os senhores cósmicos, e os gêmeos então se tornam Sol e Lua. O Sol era uma das divindades principais, poderia ser chamado de Kin que significa dia. Em outra versão, o Sol e a lua surgem no horizonte, junto com a astronomia e Vênus. Havia também o incenso que quando aceso com a resina, a fumaça espiralava aos céus. Em vários

⁴ THOMPSON, J. Eric – Maya – History & Religion - University of Oklahoma Press

relatos e gravuras Maias, a presença dos Gêmeos estampam os templos em várias versões de duelos cósmicos de bola, conta divindades do submundo, sempre quando os gêmeos vencem, em várias versões, os dois se transformam em sol e lua, dando início ao universo Maia como conhecemos.

Ocorre uma curiosidade quando pesquisei esta cosmogonia, que na maioria dos mitos cosmogônicos da América, há sempre estes Gêmeos, ou que nascem, ou que duelam, mas sempre há os Gêmeos Primordiais. Percebemos a menção Gêmea, na mitologia Asteca. Segundo Thompson, no códice Dresden, existem relatos de três dos cinco deuses Vênus, em seis páginas do códice. Entretanto o mesmo autor não entra em detalhes.

Primeiramente este códice, o Dresden possui este nome, pois o mesmo está em uma cidade homônima na Alemanha. A chegada dos espanhóis no século XVI na península de Yucatan, já não encontraram a civilização Maia, entretanto, encontraram vários códices, que foram destruídos, um destes destruidores foi Diego de Landa (1524-1579), o mesmo encontrou e destruiu os outros códices. Hoje existem três códices residindo com seus respectivos nomes nas cidades, o Códice de Dresden, O códice de Madrid e o Códice de Paris.

Ainda segundo o Thompson, existiam os deuses da chuva, e dos deuses do vento, além do Deus jaguar, este último, segundo o autor, possui poucos relatos sobre o mesmo, entretanto o mesmo relata que seria uma importante divindade dos Maias.

Como percebemos os Maias e seus mitos nos fazem alusão ao caráter produtivo agricultor de sua sociedade, porém não se reduz apenas a isso, há também a criação de seres humanos que para transcenderem a explicação materialista, criam campos espirituais em sua vasta e rica religião para poder se amparar e serem amparados em sua fé.

O calendário Maia e os céus e as terras.

Não entrarei em meandros técnicos, pois teria que explorar o cunho matemático e esta não é minha intenção. Minha intenção neste capítulo é explorar o contexto em que foi produzido a tecnologia do calendário e o que em prol da produção de alimentos, esta tecnologia ajudou a civilização Maia, assim como profecias proferidas por este calendário tripartido.

O calendário Maia ou melhor dizendo tzolk'in possui assim como números e até mesmo a inserção do numeral zero. Possui 260 dias. Sendo uma das primeiras civilizações a terem este conceito do numeral zero em suas inscrições. Além deste conceito inovador a

própria língua Maia, comparadas com outras civilizações pré-colombianas, era a mais avançada, atribuindo aos símbolos valores fonéticos, assim como a língua Egípcia antiga.

O calendário maia ou tzolk'in usavam para prever augúrios e este estava ligado a sua enorme tecnologia astronômica. Este povo que não possuía os telescópios avançados de hoje, conseguiram as façanhas de determinar o calendário mais preciso de todas as civilizações antigas, e rivalizando com calendário de hoje. Conseguiram medir as fases da lua, bem como Vênus, este planeta que mais representava importância para a civilização Maia. O calendário tinha uma perfeita harmonia no universo. Principalmente nos ciclos solares, lunares e dos planetas, principalmente Vênus. Segundo Paul Geandrop:

Todos os grandes povos da Mesoamérica sentiram-se poderosamente fascinados pelo mistério do cosmo: a recorrência cíclica e previsível dos fenômenos celestes; o ritmo infatigável das estações e a influencia destas nas diversas fases da cultura do milho; o próprio ciclo da vida e da morte, do dia e da noite em sua alternância inexorável mas necessária. Com a finalidade de devassar mais profundamente o segredo dos astros, que para ele representava a vontade dos Deuses, o homem mesoamericano moldou, através dos séculos, um aparelho especulativo fortemente complexo.⁵

Percebemos então que este calendário além de sagrado era uma tecnologia avançadíssima para se entender a vida, a agricultura, e o “futuro” através dos céus, os Maias liam a toda sorte, os privilégios e os agouros advindos do futuro.

Provavelmente a produção de alimentos estava relacionado a sabedoria do calendário. Neste civilização o sagrado era presente, tanto nos alimentos, quanto na produção dos mesmos. Havia ritos específicos para a agricultura, assim como em outras civilizações. Certamente pela importância vital do alimento para os Maias.

O Eskaton Maia e seu tempo filosófico e a Escatologia Cristã, um breve estudo comparado.

No que sabemos sobre escatologia, Jaques lê Goff em seu livro História e Memória conceitualiza o termo Eskaton, filologicamente como:

O termo “escatologia” designa a doutrina dos fins últimos, isto é, o corpo de crenças relativas ao destino final do homem e do universo. Tem origem no

⁵ GENDROP, Paul. – A civilização Maia. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.

termo Grego, geralmente empregado no plural *ta eschata ou seja*, “*as ultimas coisas*” .⁶

O tempo maia do fim Maia⁷, é claramente diferente do tempo linear cristão que conhecemos. O tempo desta civilização é circular, infinito e com intuito de renovação *ad eternum*. Isso principalmente espelha-se no seu ato de conduzir sua agricultura. Lê goff cita em seu livro História e Memória, um autor muito proeminente nestes estudos este é Mircea Eliade, que segundo ele: “ poderíamos dizer, numa formula sumária, que, para os primitivos, o fim do mundo já existiu, embora se deva repetir num futuro mais ou menos próximo”.

Nesta frase traduz exatamente o espírito da escatologia Maia, o caos anterior, se trará a posterior para a renovação, em um período cíclico. E faz alusão as datas destrutivas de seu calendário tão preciso. Os Maias acreditavam que os astros regiam não somente a agricultura, mas todo o dia em suas manifestações metafísicas. Isso gira em torno do pensamento holístico Maia, em que acreditavam fazer parte de todo o universo, e não como hoje, cartesianamente separados. E ainda mais segundo Eliade:

Especialmente entre os Índios da América, a “maioria dos mitos do fim implica uma teoria cíclica, ou a crença de que uma catástrofe será seguida de uma nova criação , ou ainda, a crença numa regeneração universal, realizada sem cataclismo.”⁸

A questão da renovação, esta ligada estruturalmente na visão humana de religiosidade primária. Não estou estruturalizando a - historicamente, e sim, enfatizando que a renovação é histórica. Há civilizações que acreditam que já foram destruídas e estão vivendo um novo advento para uma nova destruição.

Neste cenário, temos a conquista do Europeu cristão em plena península de Yucatan, vários códices foram destruídos a mando da Igreja. A Igreja postulava que qualquer menção contrária ou diferente do Deus Cristão, estaria rogada ao demônio. Percebemos então que o centro do mundo ocidental girava em torno da religião católica. A religião católica, assim como qualquer outra religião, possui seu mito escatológico, o seu fim dos dias.

⁶ LE GOFF, Jaques “Escatologia,” in História e Memória. 5 ED. EDITORA DA UNICAMP, 2003.

⁷ Ibidem

⁸ ELIADE, Mircea. “Escatologia e Cosmogonia”. In: ELIADE, Mircea *Mito e Realidade*. SãoPaulo: Editora Perspectiva, 2007.

Diferentemente da escatologia Maia, ela possui uma noção de continuidade. Tende para um fim, um fim de renovação.

No apocalipse cristão a besta conduzirá a destruição na terra e somente os escolhidos, ou seja, o povo do Deus YHWV se salvará, os que ainda restaram na terra, serão testados, e os que não passarem no teste serão punidos com a danação eterna. A religião cristã em sua escatologia, lida com a culpa, e mostra a dor, para conduzir o ser em uma conduta moral. Em diversos tempos e elaborações culturais, tivemos religiões apocalípticas e fenômenos milenaristas.

O apocalipse de São João, assim como todos os livros da bíblia, foram escritos de forma aleatória, e sem concordância, como podemos ver aqui. Um exemplo claro da não linearidade bíblica e da complexidade de uma interpretação antropológica ocorre em Gênesis 1 e Gênesis 2. Ambas as passagens não possuem linearidade somente poucos traços culturais aproximados. Em Gênesis 1, outrora foi concebido por sacerdotes, enquanto em Gênesis 2 foi cunhado pela tradição Javista, por vezes remetidos a oralidade, sendo muito mais antigo que Gn1. Em Gênesis 2, teremos todo um povo que trabalha com a cerâmica, e tudo o que o circunda, será transformado em uma tradição simbólica que será usada antropologicamente em uma teologia da criação inseridas em uma linguagem de seus costumes como por exemplo na passagem do homem ser cunhado do barro. Um outro exemplo da não - linearidade bíblica ocorre na passagem do Salmo 104 que é contemporâneo a GN 1. Percebemos então que não podemos fazer uma leitura cosmológica e linear da bíblia e sim teológica das passagens bíblicas.

Percebemos então que as duas culturas possuem grandes pontos de diferenças no que se diz respeito a sua escatologia enquanto os Maias professam cataclismas destruidores, de tempos em tempos, por causa de seu calendário, os cristãos acreditam em um tempo mítico em que o messias vai surgir e os pecadores acabam em danação. Para os maias não existe escolhido ou escolhidos, democraticamente irá acontecer. Talvez por não ter tido contato com nenhum povo de outra religião, a escatologia Maia ocorre sem distinção de credos, mas acreditando em um fim universal, tendo fé no seu T'zol Kin, o calendário sagrado. Já os cristãos possuem um povo eleito, no que reflete a disputa político-religiosa que ocorria naqueles tempos.

Se tratando historicamente, a escatologia cristã pensa a história como um sentido de fim, um fim em uma cidade de ouro uma era dourada, como já dizia Santo Agostinho em sua obra, Cidade de Deus. Enquanto o tempo histórico Maia, ocorre pela renovação cíclica, e não linear como na cristã.

Apropriações, Sincretismos e Anacronismos. O fim em 2012 d.C.

Coloquei este título meio conturbado para justamente desconstruí-lo, aqui farei conjecturas sobre a data. A percebermos o fim em 2012 d.C, há de se convir que há algo estranho, tudo que te assuste, você precisa necessariamente duvidar, sempre. Nesta data em relação a profecia escatológica Maia, temos um fim próximo, porem não podemos adaptar uma civilização a nossa, secularizada, influenciada por uma escatologia cristã e em plena modernidade, ávidos por um sentido de viver, mesmo que este sentido seja o fim próximo.

Não poderia deixar este capítulo de fora, pois me sinto de fato incomodado pelas apropriações de outras culturas em prol de um consumismo do medo. Separei este capítulo a parte, mesmo não fazendo parte integral do tema, me sinto livre a discorrer deste incomodo fato, deste apocalipse sincrético. Nos capítulos anteriores, citei as diferenças entre os tempos cíclicos e lineares, e a cultura cristã e Maia, dentro dos seus paradigmas escatológicos e desejos oriundos de culturas completamente diferentes. Reitero aqui que, publicações do gênero, estão sendo muito procuradas, e foi de severa dificuldade que sofri para achar algum tipo de bibliografia que comportasse seriedade científica. Com o avanço da Pós Modernidade, vivemos uma crise na ciência, em que o relativismo esta em voga, nisto percebemos caracteres revisionistas em vários setores da história. O relativismo se tornou importante, na primeira visão dos Annales, em 1929, entretanto hoje, temos uma explosão de alter realidades, que não por vezes muito pulverizadas. Uma enxurrada de informações sem propriedades investigativas e Históricas, chegam nas mãos dos leigos, sem critérios, e isso constrói uma pseudo ciência. Não defendo a ciência pura, cartesiana, sou até mesmo a favor de uma ciência holística, em que somos parte do todo. Porem não devemos perder nosso norte, nosso amparo filosófico, pois uma vez perdido, somente existirá um deserto. Um deserto de uma liberdade conquistada e sem saber como prosseguir.

Filmes, souvenir e algumas bugigangas são distribuídas embebidas no medo do fim. Todos queremos fazer parte dele, um *eskaton* coletivo. E neste desejo o mercado explora nossas mentes cansadas do dia-a-dia nos brindando com algo mastigado e introjetado para acreditarmos. Efeitos especiais, gritos eufóricos e um filme. O suficiente para todos saírem do cinema se questionando, e irão perguntar não a um acadêmico, ou estudar esta maravilhosa civilização, mas correrão para as estantes a procura de um titulo fantasmagórico e de mau gosto do fim em 2012.

Estudando esta maravilhosa cultura, percebi que o fim sempre esta próximo. O fim sempre acontece. Ao entrarmos sempre no rio, seremos diferentes e o rio não será mais aquele rio. O apocalipse será pessoal. E não queremos estar sozinhos nele, por isso a fé em contos, histórias e fantasias em crer que ao fim estaremos juntos.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, em que fiquei por vezes fascinado, podemos perceber que o tempo passa de formas distintas. Ele é um senhor individual, trata a todos de um modo diferenciado. Mesmo o tempo sendo um senhor individual, todos o possuem. Seja cíclico ou linear. O eterno perpétuo seja Maia ou Cristão, nos chega um dia. E com a doçura de nos levar para o berço da eternidade, chegamos democraticamente ao mesmo lugar. Não importando se juntos ou sozinhos, chegaremos ao um ponto cíclico, que mesmo linear, avançaremos a um novo mundo. O grande mistério que nos seduz, seja ele portal ou luz, leva as civilizações a transmitirem sua sabedoria pelas letras, e por elas esperaremos mistérios para a grande iniciação, a passagem universal. Mesmo que o apocalipse não venha acompanhado de quem amamos, ele carrega nossa história, nossa saga na terra. Nesta bela civilização, vimos que voltamos ao passo inicial, em um eterno recomeço, sem as mesmas dores como diria o ocidental Nietzsche em seu eterno retorno, mas com novas dores, para que o novo ciclo seja de boa-nova. Seres regulados pelo sagrado, holisticamente encarnados a natureza e dependentes dela. Os Maias, hoje são revisitados por nós, seculares profanos, com um que de desespero e esperança. Então nossa civilização vislumbra um aspecto de saudade ancestral e maravilhados com a conexão, sagrado e humano.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Históricas.

A Bíblia de Jerusalém. – São Paulo: Editora Paulus, 2006.

Códice Dresden. - <http://www.famsi.org/mayawriting/codices/dresden.html> 16/12/2009

Códice de Paris. - http://www.famsi.org/mayawriting/codices/pdf/paris_love.pdf 16/12/2009

Códice de Madrid. - <http://www.famsi.org/mayawriting/codices/madrid.html> 16/12/2009

Livros e Artigos.

- BARROS, José D'Assunção. *O campo da História*. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro, 2008.
- BARRERA, Julio Trebolle. *A bíblia judaica e a bíblica cristã*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BLANK, Renold J. *Escatologia do Mundo. O projeto Cósmico de Deus. Escatologia II*. São Paulo: Paulus, 2001.
- COE, Michael; SNOW, Dean; BENSON, Elizabeth. “A escrita e o calendário Maia”. In: *A América Antiga – Grandes Civilizações do Passado*.
- ELIADE, Mircea. “Escatologia e Cosmogonia”. In: ELIADE, Mircea *Mito e Realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- GENDROP, Paul. *A civilização Maia*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro 1998.
- GRANADOS, Enrique. *Enciclopedia de la Mitologia*. 2ª ed. Editorial de Gasso HNOS, 1966.
- LE GOFF, Jaques. *Escatologia, in História e Memória*. 5 ED. CAMPINAS: EDITORA DA UNICAMP, 2003.
- NAVARRO, Alexandre Guida. *A civilização Maia: Contextualização historiografia e arqueológica*. HISTÓRIA, São Paulo, 27 (1): 2008. <http://www.scielo.br/pdf/his/v27n1/a15v27n1.pdf> disponível em 18/12/2009
- RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade Na pluralidade, O ser humano a luz da fé e da reflexão cristã*. São Paulo, Editora, Paulus, 2001
- SAUNDERS, Nicholas. J. *A América Antiga*. São paulo, Madras, 2005.
- SCARPI, Paolo. “As grandes religiões da América”. In: SCARPI, Paolo *História das Religiões*. São Paulo: Editora Hedra, , 2004.
- THOMPSON, J. Eric. *The Rise and Fall of Maya Civilization*. Oklahoma University of Oklahoma Press, 1954
- THOMPSON, J. Eric. *Maya – History & Religion* Oklahoma. University of Oklahoma Press 1990.

Documentários:

Exploração Maia – The History Channel – 2009. Mais detalhes destes documentários, encontra-se neste site: <http://www.tuhistory.com/br/series/exploracion-maya.html> 16/12/2009

Sites:

<http://www.famsi.org/mayawriting/codices/dresden.html> 16/12/2009

<http://www.mayadiscovery.com/ing/history/codices.htm> 16/12/2009